

## **ECONOMIA CRIATIVA E PLANEJAMENTO URBANO: ESTRATÉGIAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL DE TAUBATÉ: (SP)**

ODS: 11

Autores:

Monica Franchi Carniello (Universidade de Taubaté)

Eduardo Cursio (Universidade de Taubaté)

### **Resumo**

A economia criativa é apresentada como paradigma inovador que valoriza ativos intangíveis cultura, conhecimento, criatividade e identidade em oposição aos modelos tradicionais centrados em recursos naturais e produção em escala. Este artigo analisa como a economia criativa pode ser utilizada como estratégia para o desenvolvimento sustentável do município de Taubaté (SP), articulando planejamento urbano, inovação e valorização cultural. O estudo adota uma abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica e análise de experiências nacionais e internacionais, buscando construir um quadro teórico-metodológico aplicável à realidade local. No contexto local, a pesquisa identifica que a dependência histórica da indústria automobilística gerou vulnerabilidade econômica, ao mesmo tempo em que o município dispõe de um rico patrimônio cultural e artístico capaz de sustentar novos ciclos de desenvolvimento, articulando turismo cultural, empreendedorismo criativo e fortalecimento da identidade territorial. A fundamentação teórica do trabalho enfatiza a importância de políticas públicas enraizadas nas dinâmicas socioterritoriais e demonstra, a partir de exemplos nacionais e internacionais, como planejamento urbano integrado, cultura e inovação podem regenerar espaços urbanos e fortalecer economias criativas. O estudo defende a adoção de uma governança criativa que privilegie co-gestão, redes colaborativas e participação cidadã, e destaca iniciativas locais que podem servir de base para articular saberes técnicos, comunitários e

criativos. Conclui-se que a economia criativa, associada ao planejamento urbano e à valorização cultural, constitui estratégia viável e necessária para diversificar a base econômica de Taubaté e promover um desenvolvimento verdadeiramente sustentável, recomendando o aprofundamento de pesquisas, o mapeamento de atores culturais e a identificação de barreiras institucionais para consolidar esse paradigma no contexto brasileiro.

### **Introdução**

O conceito de desenvolvimento sustentável tornou-se um dos pilares das políticas públicas urbanas no século XXI, propondo a articulação entre crescimento econômico, inclusão social e preservação ambiental. Nesse contexto, a economia criativa desponta como um paradigma inovador, ao valorizar ativos intangíveis como cultura, conhecimento, criatividade e identidade local como motores de transformação socioeconômica Reis (2012)

Diferentemente dos modelos econômicos tradicionais baseados na exploração de recursos naturais ou na produção em escala, a economia criativa se estrutura a partir da geração de valor simbólico. Howkins (2001), foi um dos principais responsáveis por difundir esse conceito, definindo-o como um modelo fundamentado na criatividade, na cultura e na inovação.

Mesmo antes da popularização do termo, políticas públicas já apontavam para o papel estratégico das indústrias criativas no desenvolvimento. Em 1994, o governo da Austrália lançou o relatório *Creative Nation*, reconhecendo o valor da cultura para o crescimento econômico (AUSTRALIA, 1994). O Reino Unido reforçou essa perspectiva com o *Creative Industries Mapping Document* (UNITED KINGDOM, 1997), que consolidou o setor criativo como eixo estruturante do desenvolvimento nacional.

A partir da década de 2000, organismos internacionais, como a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), passaram a incorporar a economia criativa às suas diretrizes. O *Creative Economy Report 2010* destacou sua relevância não apenas para o crescimento econômico global, mas também para a promoção da inclusão social e da sustentabilidade (UNCTAD, 2010).

No Brasil, a economia criativa tem sido estudada como alternativa para cidades que enfrentam os limites do modelo industrial tradicional. Reis (2007) observa que essa economia se caracteriza pela produção de bens e serviços simbólicos, com base na criatividade e na cultura. Em sua tese, Reis (2011) aprofunda a discussão ao mostrar como esse modelo promove a integração entre cultura, inovação e desenvolvimento local.

A cidade de Taubaté, localizada na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte de São Paulo, representa um caso emblemático. Com uma trajetória marcada pela industrialização, especialmente no setor automobilístico, o município enfrenta atualmente desafios estruturais relacionados à estagnação econômica e à perda de empregos no setor fabril Vieira, Santos e Carniello (2016).

Apesar desse cenário, Vieira, Santos e Carniello (2016) destacam que Taubaté apresenta grande potencial para a adoção de estratégias baseadas na economia criativa. Segundo Victor (2018), reconhecida como a capital nacional da literatura infantil e terra natal de figuras icônicas como Monteiro Lobato e Amácio Mazzaropi, a cidade possui um rico patrimônio cultural que pode ser mobilizado para impulsionar novos ciclos de desenvolvimento.

Objetivo do artigo é analisar de que maneira a economia criativa pode ser utilizada como estratégia para o desenvolvimento sustentável do município de Taubaté (SP), articulando planejamento urbano, inovação e valorização cultural, de

modo a diversificar a base econômica local e promover um modelo de desenvolvimento inclusivo e sustentável.

### **Revisão da Literatura**

Ao longo das últimas décadas, o conceito de desenvolvimento econômico passou por profundas reformulações teóricas. Modelos que outrora privilegiavam exclusivamente o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) como principal indicador de progresso foram gradualmente questionados diante da complexidade dos desafios contemporâneos, como a desigualdade social, a exclusão cultural e a degradação ambiental. Nesse contexto, destaca-se a contribuição do economista indiano Amartya Sen (1999), cuja Teoria das Capacidades redefiniu o desenvolvimento como a ampliação das liberdades reais dos indivíduos. Para Sen (1999), não basta o aumento da renda: é necessário garantir que as pessoas tenham acesso efetivo à educação, à saúde, à cultura e à participação cidadã.

A partir dessa perspectiva, o desenvolvimento sustentável deixa de ser apenas uma meta econômica e passa a ser um processo multidimensional que envolve aspectos sociais, culturais, ambientais e institucionais. É nesse horizonte que a economia criativa se insere como proposta inovadora e integradora Reis (2011).

Ao valorizar o capital simbólico, os talentos humanos, a diversidade cultural e a capacidade de inovar, a economia criativa oferece uma alternativa concreta para o fortalecimento das cidades e regiões que buscam se reinventar em meio às transformações do século XXI Landry (2000).

Segundo Reis (2011), a economia criativa se estrutura a partir do aproveitamento de recursos intangíveis como a memória, os saberes populares, as tradições e o patrimônio cultural convertendo-os em vetores de desenvolvimento econômico e inclusão social. Essa abordagem, segundo Florida (2002), tem o potencial de rearticular identidades locais, estimular redes colaborativas e dinamizar segmentos econômicos ligados à cultura, ao turismo, à inovação e à tecnologia. A

relevância desse modelo foi reconhecida por organismos internacionais, como a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), que, em seu relatório *Creative Economy Report 2010* (UNCTAD, 2010), ressaltou o papel estratégico da economia criativa na geração de empregos, no combate à pobreza e na promoção da sustentabilidade em comunidades historicamente excluídas.

Em Taubaté, a economia criativa aparece como uma oportunidade para enfrentar a crise de modelos produtivos industriais tradicionais, fomentar o empreendedorismo cultural e promover uma ocupação mais equitativa e significativa dos espaços urbanos Vieira, Santos e Carniello (2016). Segundo Reis (2011) a articulação entre economia criativa, planejamento urbano e políticas públicas inclusivas se revelam como eixo estruturante de uma agenda de desenvolvimento verdadeiramente sustentável.

### **Planejamento Urbano e Economia Criativa**

O planejamento urbano contemporâneo, enquanto instrumento de ordenamento e de indução de políticas públicas, desempenha papel fundamental na consolidação de ecossistemas criativos e inovadores. Wanis (2022) argumenta que, para que a economia criativa floresça, é imprescindível que o território seja pensado a partir de seus aspectos culturais, simbólicos e sociais, superando a visão meramente funcionalista do espaço urbano. Lerner (2011), ao defender a ideia da cidade como um organismo vivo, propõe que a vitalidade urbana depende da integração harmônica entre seus diferentes componentes infraestrutura, mobilidade, paisagem, identidade e convivência.

Experiências nacionais e internacionais ilustram como o planejamento urbano pode ser motor de ativação criativa. Em Belo Horizonte, o Circuito de Arte Urbana transformou muros, praças e avenidas em plataformas de expressão estética, conectando artistas, comunidades e gestores públicos. Essas intervenções, segundo Salles (2014), foram acompanhadas por ações de formação cultural e empreendedorismo criativo, que contribuíram para o fortalecimento da economia local. Curitiba, com as ações coordenadas pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento

Urbano (IPPUC), se destacou pela criação de espaços públicos inovadores, como calçadões arborizados, parques urbanos e centros culturais adaptados em antigas fábricas, o que promoveu maior qualidade de vida e estímulo à inovação urbana (Benenvenuti, 2014).

O projeto Porto Maravilha, no Rio de Janeiro, constitui outro exemplo relevante. Concebido para revitalizar a zona portuária da cidade, buscou resgatar a memória urbana, valorizar o patrimônio histórico e atrair empreendimentos criativos para a região. Segundo Wanis (2022), o planejamento integrado de infraestrutura, cultura e inclusão social foi determinante para reposicionar a área como um polo de dinamismo econômico e diversidade cultural. Internacionalmente, experiências como a de Bilbao, na Espanha, com o Museu Guggenheim; Bogotá, na Colômbia, com bibliotecas públicas em áreas periféricas; e Londres, no Reino Unido, com os clusters criativos pós-Olimpíadas de 2012, demonstram como o urbanismo cultural pode catalisar processos de regeneração urbana, criar novos imaginários coletivos e gerar oportunidades econômicas sustentáveis, Reis (2011).

### **Planejamento Urbano, Cultura e Inovação no Desenvolvimento Sustentável**

A construção de estratégias para o desenvolvimento sustentável, na perspectiva de Santos (1996), exige uma compreensão ampliada do território. Não se trata apenas de um espaço geográfico delimitado, mas de um espaço vivido, carregado de significados simbólicos, memórias coletivas, práticas sociais e relações de poder. Santos (1996) propõe a ideia de “território usado”, ou seja, aquele configurado não apenas pela técnica, mas também pelas emoções, pela cultura e pelo cotidiano dos sujeitos. Boisier (2001) argumenta que o desenvolvimento territorial deve partir do protagonismo das comunidades locais, valorizando o capital social, cultural e institucional existente em cada lugar.

Nesse contexto, segundo Canclini (1990), a cultura não deve ser entendida apenas como produto estético ou patrimônio histórico, mas como infraestrutura simbólica e econômica. Canclini (1990) propõe a ideia de culturas híbridas para descrever a riqueza das manifestações culturais populares e tradicionais que se misturam com influências contemporâneas. Essa leitura é relevante em cidades como Taubaté, onde o patrimônio imaterial — literatura, música — pode ser mobilizado como recurso estratégico para políticas urbanas baseadas na criatividade.

Ao tratar da economia criativa, Reis (2011) defende a articulação entre cultura, inovação e planejamento urbano como motor para o desenvolvimento sustentável. Landry (2000) entende as “cidades criativas” como ecossistemas urbanos que estimulam a convivência, a diversidade, a participação cidadã e a inovação social. Leff (2001) defende que o desenvolvimento sustentável só é possível quando se articula à racionalidade ambiental, que pressupõe a integração entre biodiversidade, diversidade cultural e modos de vida sustentáveis.

Complementarmente, Ostrom (1990) propõe modelos de governança compartilhada para a gestão de bens comuns — como o espaço público, o patrimônio ambiental e os equipamentos culturais — que rompem com a dicotomia entre Estado e mercado. Singer (2002) e Turino (2018) reforçam essa visão ao defenderem a economia solidária e os Pontos de Cultura como instrumentos de fortalecimento do protagonismo comunitário e da coesão social. Aplicadas ao contexto de Taubaté, as abordagens de Singer (2002) e Turino (2018) apontam para a necessidade de políticas integradas que articulem cultura, território e inovação.

### **Governança Criativa e Inovação Social no Planejamento Urbano**

A busca por estratégias de desenvolvimento sustentável requer, além de recursos técnicos e econômicos, uma reflexão profunda sobre os modelos de governança e os mecanismos de inovação social. Landry (2000) mostra que a governança tradicional, baseada em decisões verticais e centralizadas, mostra-se

limitada diante da complexidade dos desafios contemporâneos. Reis (2011) defende a noção de governança criativa, um modelo que valoriza a colaboração, a escuta ativa, a diversidade de saberes e a gestão compartilhada do território.

Haesbaert (2004) argumenta que a ideia de multiterritorialidade é fundamental para compreender como grupos sociais constroem vínculos simultâneos com múltiplos espaços físicos, sociais e afetivos, o que é relevante na formulação de políticas urbanas sensíveis à diversidade cultural e à complexidade das dinâmicas locais. Ostrom (1990) demonstra que comunidades são plenamente capazes de gerir recursos coletivos de forma eficaz, desde que haja regras claras, participação social e confiança mútua. Turino (2018), com os Pontos de Cultura, propõe um modelo de desenvolvimento cultural enraizado nas comunidades, baseado na autonomia, no diálogo intercultural e na mediação territorial. Singer (2002) destaca o papel da economia solidária como forma de reorganizar o trabalho, o consumo e a produção com base em princípios de cooperação, reciprocidade e autogestão.

No contexto de Taubaté, a criação do Centro de Estudos em Planejamento e Desenvolvimento Urbano (TAUBATÉ, 2020) e a presença de redes como o HITT (Hub de Inovação Tecnológica de Taubaté) oferecem base técnica e simbólica para a construção de um modelo participativo de gestão local.

Uma governança criativa deve integrar diferentes escalas institucional, comunitária e simbólica e ser capaz de promover espaços de escuta, co-decisão e co-gestão, com forte articulação entre cultura, educação, meio ambiente e planejamento urbano Reis (2011)

### **Ecosistemas Criativos e Planejamento Urbano**

Para Florida (2002), o conceito de ecossistemas criativos refere-se a arranjos dinâmicos compostos por redes de colaboração entre diferentes atores públicos, privados e comunitários — que integram cultura, inovação, educação, tecnologia e urbanismo. Reis (2011) afirma que ecossistemas criativos são o resultado de

conexões entre agentes diversos que transformam a cultura e a criatividade em vetores estratégicos de desenvolvimento.

Planejar cidades com base nesses princípios implica reconhecer que a criatividade não ocorre de forma isolada, mas em ambientes urbanos que favorecem a diversidade, a convivência e a experimentação Landry (2000).

No contexto de Taubaté, esse modelo apresenta elevado potencial de aplicação. Conforme acentuado por Victor (2018), a cidade dispõe de ativos simbólicos significativos, como o legado de Monteiro Lobato, Amácio Mazzaropi e Hebe Camargo, além de instituições acadêmicas, centros culturais, equipamentos públicos e redes de agentes criativos.

Esses elementos, se articulados por meio de políticas públicas transversais, podem compor a base de um ecossistema criativo local voltado à inovação, ao turismo cultural e à regeneração urbana Reis (2011) Landry (2008).

## **Método**

A metodologia utilizada neste estudo segue um levantamento bibliográfico, caracterizando-se como uma pesquisa **teórica e** qualitativa. A análise fundamenta-se em autores renomados que discutem o papel do planejamento urbano na promoção da economia criativa e do desenvolvimento sustentável, como Reis (2011), Benvenuti (2014) .

Além disso, foram incorporadas abordagens que tratam o território não apenas como base física, mas como espaço simbólico, relacional e produtivo. As contribuições de Santos (1997) e Lenner (2011), que entendem o território como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações, e de Haesbaert (2004), que propõe o conceito de multiterritorialidade, foram fundamentais para compreender os usos diversos do espaço urbano na dinâmica criativa e cultural.

Complementa-se ainda com a perspectiva de Landry (2000), ao considerar a cidade como ecossistema criativo, e de Reis (2011), ao articular cultura, território e inovação como eixos de desenvolvimento sustentável.

No contexto local, foram considerados estudos aplicados a Taubaté, como os de Vieira, Santos e Carniello (2016) e Victor (2018), que analisam o potencial cultural e territorial da cidade. Além disso, foram consultadas experiências nacionais e internacionais, como as políticas culturais de Belo Horizonte e Curitiba, Silva (2022), Benvenuti, (2014), e os exemplos transformadores de Bilbao, Bogotá e Londres, Reis (2011).

Foram realizadas buscas sistemáticas no Portal de Periódicos da CAPES com as palavras-chave “economia criativa e Taubaté”; Cultura e Taubaté. Essas buscas esgotaram as publicações disponíveis sobre o município, identificando apenas os trabalhos de Vieira, Santos e Carniello (2016) e Victor (2018) como estudos aplicados diretamente ao contexto local.

## **Resultados e Discussão**

O município de Taubaté, situado na Região Metropolitana do Vale do Paraíba, apresenta um histórico econômico fortemente marcado pela indústria automobilística. Segundo Vieira, Santos e Carniello (2016), em 2012 o setor representava cerca de 44,91% da economia local, o que evidencia uma alta dependência de uma única matriz produtiva e a consequente vulnerabilidade diante de oscilações no setor industrial. A estagnação e a retração do emprego nesse segmento indicam a necessidade de diversificação econômica e de exploração de novos vetores de desenvolvimento.

Nesse contexto, conforme salientam Vieira, Santos e Carniello (2016), a economia criativa desponta como alternativa concreta para reorientar o futuro produtivo da cidade, valorizando seus ativos simbólicos e culturais.

Victor (2018) destaca que a riqueza do patrimônio imaterial de Taubaté é notável. A cidade abriga um acervo de expressões e personagens históricos que constituem uma identidade cultural forte e distintiva. Nomes como Monteiro Lobato,

Hebe Camargo, Celly Campello, Amácio Mazzaropi, Renato Teixeira e Cid Moreira transcendem a memória local e representam valores reconhecidos nacionalmente.

Victor (2018) argumenta que essas personalidades podem ser mobilizadas como referências estruturantes na construção de narrativas urbanas criativas, favorecendo o turismo cultural, o empreendedorismo e o *branding* territorial.

A cultura, nesse caso, assume centralidade não apenas como expressão simbólica, mas como base econômica e social para uma nova fase do desenvolvimento regional. Reis (2011) sustenta que a cultura, quando articulada a políticas públicas e à inovação, transforma-se em eixo estruturante de estratégias de desenvolvimento territorial sustentável. Em Taubaté, esse potencial começa a ser reconhecido por meio da criação do Centro de Estudos em Planejamento e Desenvolvimento Urbano (TAUBATÉ, 2020), um espaço institucional que pode articular saberes técnicos, comunitários e criativos.

Autores como Villaça (2001) e Corrêa (2018) defendem que o planejamento urbano deve assumir uma abordagem integrada, garantindo ocupação equilibrada do território, infraestrutura inclusiva e acesso universal aos bens culturais e urbanos.

Tais diretrizes, segundo Reis (2011), são fundamentais para que a economia criativa floresça e produza efeitos duradouros. Trata-se de pensar o território como palco e instrumento da cultura, da inovação e da cidadania.

Exemplos internacionais reforçam essa perspectiva. Berlim e Medellín implementaram políticas públicas de reutilização de antigos espaços industriais como centros culturais, promovendo inclusão social, dinamismo econômico e regeneração urbana (Berlin Senate Department For Culture And Europe, 2021; Global Urban Collaborative 2021).

Curitiba, por sua vez, se destaca pela atuação do IPPUC na criação de espaços públicos voltados à cultura e à convivência social, promovendo ambientes

propícios à inovação Benvenuti (2014). De forma semelhante, Belo Horizonte impulsionou o Circuito de Arte Urbana como estratégia de revitalização simbólica e econômica de áreas urbanas por meio da arte, da formação cultural e da participação comunitária Salles (2014). Segundo Silva, (2022) tais práticas demonstram que o planejamento urbano orientado à cultura pode catalisar transformações urbanas sustentáveis e gerar um novo ciclo de crescimento local.

Salles (2014) destaca que a economia criativa, quando conectada ao planejamento urbano, pode impulsionar diversos setores emergentes, como o turismo cultural, o design, a produção audiovisual e as tecnologias criativas.

Taubaté, por sua história e localização estratégica, demonstra condições favoráveis para assumir um protagonismo regional no campo da economia criativa e do desenvolvimento urbano sustentável, desde que as políticas públicas sejam concebidas com base em participação social, governança colaborativa e inteligência territorial (LANDRY, 2000).

Nesse contexto, o conceito de “acupuntura urbana” ganha relevância. Segundo Lerner (2011), pequenas intervenções urbanas pontuais e estratégicas têm o potencial de reativar o tecido social e cultural, desencadeando efeitos amplificados na economia e na qualidade de vida urbana.

A experiência de Medellín, na Colômbia, reforça essa abordagem. Intervenções combinadas de transporte por cabos aéreos, requalificação de espaços públicos e implantação de equipamentos socioculturais como os “parques-biblioteca” contribuíram para reduzir as taxas de homicídio em até 66% nas áreas beneficiadas em relação às áreas-controle e ampliaram a acessibilidade de populações de baixa renda a oportunidades de trabalho e cultura (CERDÁ et al., 2012; BRAND; DÁVILA, 2013).

Assim, em Taubaté, a adoção de pilotos táticos em pontos-âncora do centro histórico, acompanhados por métricas ambientais, de mobilidade, percepção de

segurança e desempenho econômico local, permitiria aferir efeitos de curto prazo e orientar a replicação em rede, em consonância com as lições de Medellín.

Dessa forma, a análise dos dados e das experiências discutidas demonstram que a articulação entre planejamento urbano e economia criativa é uma estratégia viável, desejável e necessária para o desenvolvimento sustentável de Taubaté. Mais do que uma proposta econômica, trata-se de uma visão de cidade centrada nas pessoas, na cultura e no futuro Reis (2011).

### **Considerações Finais**

A economia criativa consolidou-se como uma abordagem contemporânea de desenvolvimento sustentável ao aliar crescimento econômico, inclusão social e valorização cultural. Fundamentada na Teoria das Capacidades de Amartya Sen (1999), essa visão propõe que o verdadeiro progresso de uma sociedade não se limita ao aumento da renda, mas inclui a ampliação das liberdades, das oportunidades e da qualidade de vida de seus cidadãos. Sob essa perspectiva, a cultura, a criatividade e o capital simbólico tornam-se ativos estratégicos para o fortalecimento de territórios urbanos.

As experiências analisadas ao longo deste estudo evidenciam que a economia criativa pode atuar como catalisadora de transformações urbanas sustentáveis, sobretudo em cidades com desafios estruturais, como é o caso de Taubaté. A forte dependência da cidade em relação à indústria automobilística, conforme destacada por Vieira, Santos e Carniello (2016), tornou-se um fator de vulnerabilidade diante das reestruturações produtivas, evidenciando a urgência de diversificação econômica. Nesse cenário, o aproveitamento do patrimônio cultural e artístico do município representa uma oportunidade concreta de reposicionamento estratégico.

A valorização de personagens icônicos da cultura brasileira, como Monteiro Lobato, Hebe Camargo e Amácio Mazzaropi, confere a Taubaté um diferencial simbólico que pode ser mobilizado em políticas de fomento à economia criativa, ao turismo cultural e à inovação urbana Victor (2018).

Para que essa transição seja bem-sucedida, contudo, é necessário que haja políticas públicas eficazes voltadas à formalização das atividades criativas, à garantia de infraestrutura adequada e à ampliação do acesso a recursos para inovação e capacitação Reis (2011).

O planejamento urbano, nesse processo, assume um papel central. Como demonstram os casos de Bilbao, Medellín e Berlim, a requalificação de espaços urbanos e a integração entre cultura e desenvolvimento territorial são estratégias eficazes para ativar economias criativas e promover inclusão social Reis (2011).

Conforme enfatiza Wanis (2022), o planejamento urbano deve deixar de ser uma ferramenta técnica isolada para tornar-se uma plataforma de articulação entre diferentes atores sociais, públicos e privados, voltada à construção de cidades criativas e resilientes.

Em Taubaté, a criação do Centro de Estudos em Planejamento e Desenvolvimento Urbano (TAUBATÉ, 2020) representa uma iniciativa promissora, ao buscar integrar planejamento urbano, cultura e inovação em uma agenda comum, assim como Curitiba tem feito com o IPPUC, que promove políticas urbanas pautadas na integração entre infraestrutura, cultura e qualidade de vida Benvenuti (2014), Taubaté pode se inspirar em tais modelos para estruturar um ecossistema criativo local.

O presente estudo reafirma a relevância da economia criativa como ferramenta de desenvolvimento sustentável para o município de Taubaté. O fortalecimento dessa estratégia depende da articulação entre planejamento urbano,

cultura e inovação, bem como do compromisso político com a construção de cidades mais inclusivas, criativas e dinâmicas Landry (2000).

Considerando sua crescente importância nas políticas públicas contemporâneas, recomenda-se o aprofundamento de pesquisas sobre a implementação de modelos criativos no contexto brasileiro. A identificação de

barreiras institucionais, o mapeamento de atores culturais e a análise de casos de sucesso são fundamentais para consolidar esse paradigma.

### Referências

AUSTRALIA. *Creative Nation: Commonwealth Cultural Policy*. Canberra: Australian Government Publishing Service, 1994.

BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. *Planejamento urbano em Curitiba: interpretações sobre a produção da cidade*. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo: arquitetura, cidade e projeto – uma construção coletiva, São Paulo, 2014.

BERLIN SENATE DEPARTMENT FOR CULTURE AND EUROPE. *Creative Economy in Berlin*. Berlin: Senate Department, 2021.

CORRÊA, R. *Planejamento urbano e desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

FLORIDA, R. *The Rise of the Creative Class*. New York: Basic Books, 2002.

HOWKINS, J. *The Creative Economy: How People Make Money from Ideas*. London: Penguin, 2001.

LANDRY, C. *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*. London: Earthscan, 2000.

REIS, A. *Economia criativa como estratégia de desenvolvimento sustentável*. Revista Brasileira de Economia Criativa, v. 4, n. 2, p. 55–75, 2011.

SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VIEIRA, L.; SANTOS, R.; CARNIELO, P. *A economia criativa como alternativa econômica para o desenvolvimento regional: o caso de Taubaté*. Revista de Estudos Urbanos, v. 8, n. 1, p. 102–123, 2018.

VICTOR, C. *Cidades paulistas inspiradoras*. São Paulo: Tray Tecnologia, 2018.

WANIS, A. *Planejamento urbano e economia criativa: o caso do Porto Maravilha no Rio de Janeiro*. Revista de Estudos Urbanos, v. 10, n. 2, p. 45–67, 2022. Claro! Aqui estão as referências bibliográficas que usamos no trecho anterior, **formatadas integralmente de acordo com a NBR 6023:2018 (ABNT)**:

BRAND, Peter; DÁVILA, Julio. Mobility innovation at the urban margins: Medellín's Metrocables. *City*, v. 17, n. 1, p. 27-41, 2013.

CERDÁ, Magdalena; MORGAN, Amy; THOMPSON, Chelsea; MORENO, Hector. Reducing violence by transforming neighborhoods: a natural experiment in Medellín, Colombia. *American Journal of Epidemiology*, v. 175, n. 10, p. 1045-1053, 2012.